

Desvelando o campo da Arquitetura: discriminação de gênero no Espírito Santo

KARLA DO CARMO CASER¹
Universidade Federal de Espírito Santo

ILEANA WENETZ²
Universidade Federal de Espírito Santo

RESUMO: O objetivo deste artigo é problematizar as discriminações de gênero enfrentadas pelas mulheres arquitetas em sua prática profissional no estado de Espírito Santo (ES) e identificar quais os tipos de discriminação presentes na nossa realidade. Com essa finalidade apresentamos o contexto das pesquisas feministas em *Arquitetura vis a vis* pesquisas feministas e do campo profissional nas Ciências Sociais. Foram realizados 50 questionários online conduzidos junto a arquitetas do Conselho de *Arquitetura* e Urbanismo - CAU/ES. Em seguida é apresentada análise quali-quantitativa. Identificamos que antigos impasses ainda estão presentes como a discriminação separadas nas seguintes categorias: Invisibilidade; Cultura machista da profissão; e Estereótipos/marginalização. Os resultados indicam pontos onde ainda se precisa avançar – invisibilidade, estereótipos e cultura machista - para que o campo profissional da *Arquitetura* se torne mais equânime.

PALAVRAS-CHAVE: mulher; Arquitetura; Gênero.

ABSTRACT: The objective of this paper is to present an analysis on gender discrimination faced by female architects in their professional practice in the state of Espírito Santo (ES) and to identify the types of discrimination present in our reality. First, a brief summary of feminist research in Architecture vis a vis feminist research and of the professional field in the Social Sciences is presented. Next, it is described a qualitative-quantitative analysis of 50 online questionnaires conducted with the Conselho de *Arquitetura* e Urbanismo - CAU/ES architects. First, an analysis of the general questions on discrimination is presented. Next, for the sake of clarity and organization of the article, the details of the different situations of discrimination are dealt with in separate sections: Fees; Invisibility; Sexist culture; and Stereotypes / marginalization. The results indicate points where there is still a need to advance - invisibility, stereotypes and macho culture - so that the professional field of Architecture becomes more equitable.

KEY WORDS: woman; architecture; Gender.

1 Professora Associada do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Espírito Santo (UFES). Email:karlacaser.dec.ufes@gmail.com e karla.caser@ufes.br.

2 Professora Adjunta do Centro de Educação Física e Deportes da Universidade Federal de Espírito Santo (UFES). Professora da Pós-graduação em Psicologia Institucional (UFES). Email:ilewenez@gmail.com.

Introdução

A relação das Mulheres e *Arquitetura* tem um histórico complicado desde o início do surgimento da profissão, no final do séc. XIX. Por ser uma profissão ainda dominada pela figura masculina (FOWLER e WILSON, 2004; DURAND, 2009 [1989]; LIMA, 2004), o processo de busca pela equidade da mulher profissional em *Arquitetura* se dá de maneira complexa. Discussões e questionamentos e a mobilização de mulheres em diversos setores tem dado visibilidade ao sexismo na profissão. Na prática profissional, a participação de mulheres arquitetas, mesmo quando relevante no trabalho de escritórios e em práticas bem-sucedidas, ainda tende a ser desconsiderada (HUGHES, 1996). Rubino (2010) indica que nos ateliês/escritórios de projeto é notório a mulher arquiteta ficar “nublada”.

Segundo Dovey, *Arquitetura* “(...) por muito tempo tem existido com as tensões de ser arte e profissão – é a mais social das artes e a mais estética das profissões”³ (DOVEY, 2002:278). Há uma luta intrínseca a este campo porque sua prática requer tanto o *habitus* intelectual quanto o de profissional liberal. A paraxeologia do sociólogo Pierre Bourdieu se propõe a desvelar os processos através dos quais construímos nossa realidade e é utilizada, principalmente através de seu conceito de campo, a analisar como os diferentes grupos e profissões se estruturam segundo lógicas internas próprias. Seus conceitos também se aplicam a estudos feministas, principalmente através do seu conceito de *habitus*. A capacidade do conceito de *habitus* de explicar a forma através da qual

3 Tradução das autoras. No original lê-se: “*Architecture has long lived with the tensions of being both an art and a profession – it is the most social of arts and the most aesthetic of professions*”.

os condicionantes sociais e ambientais são incorporados no corpo, é importante para a teoria feminista e a criação de identidade de gênero, e juntamente com a noção de campo, permite que se transcendam as dicotomias masculino/feminino e espaço público/privado em estudos de gênero (MCNAY, 1999).

No Brasil, estudos das profissões começam nos anos de 1960 e 1970 na área de Sociologia do Trabalho (BONELLI, 1996, p. 290), e buscavam mapear e questionar a baixa representatividade das mulheres nas diversas profissões. Bonelli e também Bruschini e Lombardi (1999), que estudam as profissões da elite - medicina, direito e *Arquitetura* -, citam Durand⁴ (2009 [1989]), como referência importante para o estudo sociológico da profissão de *Arquitetura*.

Nesse artigo temos como objetivo realizar uma discussão sobre discriminação de gênero/sexismo enfrentada pelas mulheres arquitetas em sua prática profissional no estado de Espírito Santo (ES) e identificar quais os tipos de discriminação/sexismo presentes na nossa realidade, sexismo que envolve invisibilidade, estereótipos de gênero e mesmo falta de respeito por parte de colegas, num ambiente com cultura machista.

Com esse objetivo apresentaremos uma contextualização da profissão e posteriormente destacamos detalhes metodológicos de um questionário online realizado com 50 arquitetas do Conselho de *Arquitetura* e Urbanismo (CAU), no ES. Este artigo apresenta parte dos resultados

4 No seu livro *Arte, Privilégio e Distinção*, influenciado pela praxeologia e metodologia adotada por Bourdieu, sobretudo a sua teoria dos campos culturais, Durand entrevista 72 artistas, jornalistas, arquitetos e outros integrantes do campo das artes, buscando analisar as relações entre cultura e poder no Brasil no período de 1855 a 1985.

da análise dos questionários. Após breve descrição da metodologia adotada, na sequência, a seção de resultados contém a análise quanti-qualitativa das respostas dos questionários; usa-se gráficos e citação literal dos comentários dos respondentes. Apesar de terem sido realizados em 2014⁵, trata-se de dados ainda não publicados, mas importantes por serem pioneiros no estado do Espírito Santo, ajudando a traçar uma imagem da situação da mulher arquiteta no campo da *Arquitetura*.

Diversos são os fatores que justificam um estudo sobre as relações de gênero em *Arquitetura* e Urbanismo no Brasil. Primordialmente, um melhor entendimento dos mecanismos de ação desvantajosos, e muitas vezes sutis, para o gênero feminino em disciplina que histórica e mundialmente favorece o gênero masculino, é por si só relevante para melhorar as condições de bem-estar das mulheres arquitetas e levar a profissão a apoiar a diversidade.

Campo da profissão de *Arquitetura*

O conceito de campo aliado aos dos diferentes tipos de capital permite explicar a formação do 'arquiteto dominante' no campo da *Arquitetura* em função do seu *habitus* de classe social e de gênero (DURAND (2009[1989])). O conceito de *campo* permite também explicar a luta interna para definir o que constitui uma contribuição relevante para a teoria ou os critérios para julgar uma boa obra de *Arquitetura*, outras formas de ascensão ao grupo dominante dentro deste campo profissional.

⁵ Devido a esse recorte de tempo, na análise são utilizados na análise os dados censitários disponibilizados pelo CAU-ES em 2013.

Nesse sentido, cabe destacar que em *Arquitetura*, a partir dos anos 70, os critérios de relevância social vêm sendo substituídos por critérios meramente estéticos, evidenciando uma visão dominante masculina (SCOTT-BROWN, 1989; WARD, 1996; AHRENTZEN, 1996). Sobre este assunto, Ahrentzen identifica a contribuição de Bourdieu para identificar o que chama de 'legado da arte' em *Arquitetura*:

Pierre Bourdieu mostra como os grupos dominantes retêm suas posições de poder e aumentam seu status através de mecanismos específicos, um dos quais é a categoria estética elevada a entidade universal⁶ (AHRENTZEN, 1996, p. 75).

Assim, pode-se afirmar que uma das formas de “violência simbólica” (BOURDIEU, 2014, p. 12) no campo da *Arquitetura* é a supressão do social, que produz uma prática que premia projetos desvinculados da rotina do dia a dia e considera projetos que lidam com equipamentos que melhoram a qualidade de vida (creches, escolas etc.) e a mobilidade no espaço como secundários (WEISMAN, 1999; MCLEOD, 1996). Diferente dos casos internacionais, o Brasil tem um percentual de arquitetas registradas no CAU (65%; 2013) que é até 4 vezes do maior do que na Austrália, Estados Unidos e Reino Unido (abaixo de 20%). Isso torna ainda mais preocupante a invisibilidade delas nas premiações de projetos de *Arquitetura* no Brasil.

⁶ Tradução das autoras. No original lê-se: “Pierre Bourdieu shows that dominant groups retain their positions of power and enhance their status by specific mechanisms, one of which is the aesthetic category as a universal entity (AHRENTZEN, 1996, p. 75).

Utilizando a estrutura teórica de Bourdieu dos estudos do campo das artes, juntamente com a de gênero, Fowler e Wilson (2004) utilizam o campo de *Arquitetura* como estudo de caso para identificar os impedimentos ao progresso profissional de mulheres. Fowler e Wilson (2004) identificam nas arquitetas uma disposição (*habitus*) para naturalizar a dominação, através da não aceitação da existência de discriminação. Esse fato é também identificado na fala de profissionais brasileiras (PERIM s/d).

Em *Arquitetura* há o preconceito de que as mulheres são mais aptas a desenvolver projetos residenciais, o que levou a arquiteta Zaha Hadid a dizer: “*I am sure that as a woman I can do a very good skyscraper. I don’t think it is only for men.*” (THORPE, 2013). Entretanto, essa tipologia de projeto ainda é essencialmente de domínio masculino, tanto que em 2012 foi destaque a arquiteta norte-americana Jeanne Gang ter projetado um arranha-céu de 82 andares (GOLDBERGER, 2010). Esse pequena participação de mulheres em projetos de larga escala seria uma das características da dominação masculina, quando as mulheres inconscientemente optam por nichos profissionais mais aceitos como femininos (nesse caso o de projetos residenciais e de pequenos jardins):

(...) as meninas incorporam, sob forma de esquemas de percepção e de avaliação, dificilmente acessíveis à consciência, os princípios da visão dominante que as levam a [...] prever, de certo modo, o próprio destino, recusando as posições ou carreiras de que estão sistematicamente excluídas e encaminhando-se para as que lhe são sistematicamente destinadas (BOURDIEU, 2014 [1998], p. 133).

Com relação à *Arquitetura* da Paisagem/Paisagismo, numa sociedade

onde o masculino sempre esteve ligado ao espaço público e a mulher ao espaço privado, o envolvimento com jardins era visto pela sociedade do fim do Séc. XIX como um hobby apropriado para as mulheres da elite e uma atividade para a mulher de classe média (STREATFIELD 2012). Assim, para a profissional mulher ajudou o fato do jardim ser considerado parte do espaço privado.

Significativamente, o jardim era considerado como uma importante parte da esfera doméstica, fato destacado por um grande número de livros sobre horticultura e design de jardins – alguns inclusive defendendo-o como local de expressão política e de exercício do direito à propriedade pela mulher (STREATFIELD, 2012:06).

E para evitar essa associação com o feminino, no período de regulamentação da profissão o termo “*landscape gardening*” foi substituído por “*landscape architect*” (KOMARA, 2000). As primeiras profissionais enfrentaram o preconceito de atuarem somente como *hobby*, já que elas eram em sua maioria de famílias influentes e de alto poder aquisitivo (TANKARD, 2001; STREATFIELD, 2012). Inclusive, em uma das reuniões da American Society of Landscape Architects (ASLA), Beatrix Farrand foi descrita por um dos membros como “uma mulher de berço de ouro que ocasionalmente faz algum trabalho entre jogos de carta e tardes de chá” (MCGUIRE apud TANKARD, 2001:31).

Nos dias atuais, literatura internacional descreve uma situação preocupante das mulheres arquitetas. No escritório de *Arquitetura*, a sobrecarga de trabalho pode vir acompanhada de baixas remunerações e desigualdade salarial. E a desigualdade não se reflete apenas nos salários, mas também nas oportunidades de mostrar a criatividade nos empregos, ficando

as arquitetas muitas vezes restritas apenas às áreas de trabalho repetitivo (DE GRAFT JOHNSON ET AL, 2003). Estudos indicam que arquitetas possuem níveis menores de saúde ocupacional e bem estar, associados a menor satisfação com a profissão e maiores níveis de insônia e depressão, que seus pares do gênero masculino (SANG ET AL, 2007). A capacidade de conciliar maternidade e *Arquitetura* é um desafio tanto no Brasil quanto no exterior (GREENWOOD, 2012; BRUSCHINI⁷ e LOMBARDI, 1999). Diferença salarial bem como dificuldade de negociação de pagamento de honorários são listados como principal desafio no exterior (ANTHONY, 2001; DE GRAFT JOHNSON ET AL, 2003) e no Brasil, juntamente com comportamento machista tanto de clientes quanto de colegas, principalmente na área de construção/canteiro de obras (RODRIGUES, 2012). E mesmo com todos estes desafios, as que conseguem se manter na profissão acabam sucumbindo à invisibilidade (WILLIS, 1998; STRATIGAKOS, 2013), que fica evidenciada nas poucas premiações (HEYNEN 2012).

No Brasil, *Arquitetura* passou de profissão da elite para ser da classe média (DURAND, 2009 [1989]). O que permitiu que isso ocorresse na década de 1970, como explica Bruschini e Lombardi (1999), foi o surgimento de novas faculdades de *Arquitetura*, o período de crescimento econômico, o incentivo governamental à construção de moradia de habi-

⁷ Bruschini possui diversas publicações sobre o trabalho da mulher no Brasil, dentre elas: BRUSCHINI, M.C. Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos. In: Seminário Internacional Gênero e Trabalho, 2007, Fundação Carlos Chagas – Mage/FCC –, realizado no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro). Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

tação popular e o movimento feminista em geral.⁸ Se na década de 1950 formaram-se somente duas mulheres na escola de *Arquitetura* da USP (CASER, 2014) dados do último Censo do CAU de 2018 mostram que as mulheres são 62,6% do total de profissionais (CAU, 2018). No estado de ES, os percentuais são ainda mais significativos. Em 2012 as mulheres correspondiam a 60,59% dos arquitetos ativos (CAU, 2013) e em 2017 já são 71% (CAU, 2018).

Metodologia

A metodologia da pesquisa consistiu de revisão de bibliografia e aplicação de questionário online enviado para profissionais ativos. A revisão de literatura permitiu incorporar no questionário questões presentes nas diversas pesquisas, principalmente Caven (2004), Sang, et. al. (2007), Graft-Johnson et al (2003), Bruschini e Lombardi (1999), Anthony (2001), Groat e Ahrentzen (1997) e CAU (2013). A parte referente a assédio e discriminação foi baseado no questionário proposto por Anthony (2001), que por sua vez se baseou em outros estudos sobre assédio sexual. Adotou-se este modelo por ser detalhado e para permitir comparação dos dados internacionais com os obtidos nessa pesquisa. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa e todos os respondentes deram

8 Posteriormente veremos que os resultados obtidos com os questionários aplicados nesta pesquisa evidenciam essa tendência. As profissões predominantes dos pais são as liberais, com 18 indicações (médico, engenheiro, dentista, advogado e economista), sendo a de engenheiro a mais recorrente. Em seguida tem-se a de funcionário público (10) seguido pela de professor/educador (9). Também foram encontradas profissões características de classe média baixa, como alfaiate, lavrador/agricultor, pedreiro, marceneiro, soldador e costureira (8), indicando um perfil menos elitista das famílias.

aceite no Termo de consentimento livre e esclarecido disponibilizado no início do questionário.

O questionário aborda temas como ambiente de graduação e trabalho, satisfação financeira e pessoal, discriminação e assédio. No total são 74 perguntas, divididas em 6 seções: 1. Dados pessoais, 2. Formação/curso, 3. Inserção no mercado de trabalho, 4. Atuação em a) Docência, e b) Projetos de *Arquitetura*, 5. Honorários e 6. Balanço geral/Perspectivas futuras. Temas específicos (ex. nomes de referência, preferência por gênero nas relações, vivências diárias) foram abordados nas diferentes seções, permitindo efetuar comparação entre os 2 momentos de formação (graduação e atuação profissional) e inserção profissional (docência e prática profissional projetual).

Foi enviado em 2014 através de banco de dados do CAU-ES a todos os arquitetos do CAU/ES, pois considerou-se importante analisar também a visão masculina sobre a situação da mulher. Foi também utilizada a técnica de bola de neve: enviou-se um lembrete/convite para participação na pesquisa diretamente a arquitetos de lista de contatos pessoais, que foram solicitados a compartilhar a pesquisa. Foi utilizada plataforma digital *googledocs*, que automaticamente calcula percentuais e gera gráficos de pizza para as respostas quantificáveis, auxiliando na análise dos dados. Os questionários foram analisados quantitativamente e qualitativamente, e as frases dos respondentes utilizadas para ilustrar a análise. Cabe ressaltar que o objetivo dessa pesquisa não é apresentar resultado com representatividade estatística e sim entender qual a situação da mulher arquiteta no ES. Foram obtidas 50 respostas, 42 do gênero feminino (84%) e 8 do masculino (16%), em sua maioria residentes na capital do

ES, Vitória, mais precisamente na Região Metropolitana de Vitória (37). Acredita-se que a extensão e o tempo demandado para seu preenchimento tenham sido responsáveis pelo baixo número de respondentes - pouco mais de 3%, considerando-se o total de 1457 profissionais ativos (CAU 2013).

Com relação à faixa etária, os respondentes se encaixam no padrão do CAU/BR: a faixa mais numerosa se encontra entre 30 e 40 anos (17 respondentes); são 14 com até 30 anos e 13 entre 40 e 50 anos; acima de 50 anos são 5 respondentes. Quase a metade dos respondentes tem até 10 anos de formado (24-49%), e somente 1 (2%) tem mais de 30 anos de formada. Esse mesmo percentual de 49% está na fase intermediária da carreira, sendo 13 respondentes (26,5%) com 10-20 anos e 11 (22,5%) com 20-30 anos de formado. Esse maior percentual de respondentes com menor tempo de formado foi também obtido por Anthony, em pesquisa nos Estados Unidos (2001).

Todos os gráficos e dados apresentados neste artigo foram gerados pela análise das respostas aos questionários. Os gráficos gerados pela plataforma *googledocs* foram retrabalhados, por questões de clareza e unidade. A seguir, por uma questão de clareza e organização do artigo, o detalhamento das diferentes situações de discriminação de gênero/sexismo são tratadas em categorias separadas: Invisibilidade; Cultura machista da profissão; e Estereótipos/marginalização.

4. Sobre a discriminação de gênero/sexismo na *Arquitetura*

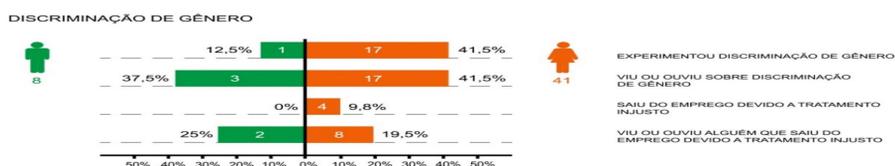
Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é

imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas (BOURDIEU, 2014, p.12).

Dentre os 49 respondentes que atuam no mercado profissional, quando perguntados sobre Discriminação (Gráfico 1), 18 respondentes indicaram que sofreram (36,7% do total), sendo 17 mulheres (41,5% do total de 41 mulheres). Esse percentual predominante de mulheres não é uma surpresa: apesar da discriminação de gênero também afetar os homens, são as meninas e mulheres as que mais enfrentam esse tipo de desafio. Com relação a Sair do emprego por tratamento injusto, somente mulheres vivenciaram essa situação, apesar de ser em menor número (4 respondentes; 8,2% do total).

Como na literatura internacional, o percentual de quem VIU ou OUVIU é maior do que quem vivenciou (ANTHONY, 2001), o que se observa nos dados. Com relação a discriminação de gênero, 3 outros respondentes masculinos indicaram ter ouvido, além das 17 mulheres que além de terem ouvido também vivenciaram. Na situação de sair do emprego, os homens são 1/5 dos respondentes que indicaram ter visto/ouvido (8 mulheres e 10 respondentes no total).

Gráfico 1 - Discriminação de Gênero



Fonte: autoras

Analisando a Tabela 1 abaixo, cabe destacar que os percentuais de sofrer discriminação de gênero são menores no Brasil, mas eles estão relativamente próximos dos americanos. Considerando que o percentual de arquitetas no Brasil (65%) é quase 4 vezes maior que nos USA, pode-se identificar que o *mass factor*/percentual alto de mulheres não parece ter impactado em similar proporção a discriminação.

Tabela 1 –Discriminação de Gênero nos USA e Brasil

Perguntas	USA ⁹	Brasil ¹⁰
Sofreu discriminação gênero	44%	36,7%
Viu ou ouviu sobre alguém que sofreu discriminação	68%	40,8%
Abandonou emprego	27%	8,2%
Viu ou ouviu sobre alguém que abandonou emprego	36%	20,4%

Fonte: autoras

Para algumas mulheres, a mobilização de mulheres em diversos setores tem feito com que o sexismo tenha diminuído nos últimos anos, como se pode observar no comentário de uma respondente:

Anos atrás (menos de 10 anos) cheguei a ouvir de um colega homem “*Arquitetura é coisa de homem*”[...] e perguntava em sala de aula ou em reunião de departamento “quantas mulheres de sucesso você pode citar?” Ele não fala mais isso, não há espaço mais...

9 (ANTHONY, 2001, p.134-135). Participaram da pesquisa 409 respondentes, sendo 62% de mulheres.

10 Números extraídos das respostas ao questionário enviado aos profissionais do CAUES.

Conforme será abordado abaixo, em *Arquitetura* o sexismo envolve invisibilidade, ambiente com cultura machista e estereótipos de gênero e mesmo falta de respeito por parte de colegas.

a) **Invisibilidade:**

A invisibilidade (MATTHEWSON, 2012) se relaciona ao fato de poucas mulheres terem destaque e reconhecimento dos seus pares no exercício profissional ou mesmo nos trabalhos da graduação. Um problema advindo deste fato é o efeito cíclico: faltam “modelos” femininos para as alunas e novas arquitetas. Essa invisibilidade não deixa de ser parte da cultura machista da sociedade e da profissão.

Um exemplo dessa invisibilidade foi observado na análise dos resultados de concursos de Arquitetura do site concursosdeprojeto.com para os anos de 2009 a 2012, como pode ser observado na Figura 3 abaixo:

Figura 1 – Análise por gênero das Premiações no site concursosdeprojeto.com nos anos de 2009 a 2012

Table 8. Primeiros lugares nos concursos internacionais (2012-2009). Fonte: Concursos, 2013.

Internacional (1º lugar)	2012	2011	2010	2009
Masculino	7	5	4	10
Feminino	2	1	2	2
Total	9	6	6	12

O segundo lugar dos concursos internacionais é composto por 60,42% de homens e 39,58% de mulheres (Tabela 9). Trata-se de a maior porcentagem de mulheres até então, mas mesmo assim esse número não condiz com a quantidade de mulheres que exercem a arquitetura (CAU/IBR, 2013).

Table 9. Segundos lugares nos concursos internacionais (2012-2009). Fonte: Concursos, 2013.

Internacional (2º lugar)	2012	2011	2010	2009
Masculino	6	2	3	11
Feminino	3	4	3	1
Total	9	6	6	12

Table 5. Primeiros lugares nos concursos nacionais (2012-2009). Fonte: Concursos, 2013.

Nacional (1º lugar)	2012	2011	2010	2009
Masculino	11	18	14	12
Feminino	2	7	5	4
Total	13	25	19	16

O segundo lugar (Tabela 6) conta com a média de 74% de homens, aumentando para 26% o percentual de mulheres, mas ainda assim não condiz com o número de mulheres na profissão.

Table 6. Segundos lugares nos concursos nacionais (2012-2009). Fonte: Concursos, 2013.

Nacional (2º lugar)	2012	2011	2010	2009
Masculino	11	16	15	11
Feminino	2	9	4	5
Total	13	25	19	16

Fonte: autoras

Observa-se que para o cenário internacional os vencedores de concurso do gênero feminino perfazem 20% para os anos de 2009 e 2011; 50% em 2010 e 22% em 2012. Considerando-se que o percentual de mulheres atuando no cenário internacional - Austrália possui 20% de mulheres arquitetas (MATTHEWSON, 2012); Reino Unido 13% e Estados Unidos 17% (BURNS, 2012; FOWLER, WILSON, 2004) -, pode-se observar que a situação de invisibilidade é maior no cenário brasileiro. Isso porque temos um percentual de 65% de arquitetas atuantes, enquanto os percentuais de premiação feminina nos concursos não são proporcionais: em 2009 e 2010 ficam em 25%, chegando a um máximo 28% em 2011 e um mínimo de 15% em 2012. Percebe-se que no estado algumas arquitetas confundem número de alunas com *visibilidade* profissional:

Me arrisco (sic) a dizer que as mulheres tendem a dominar a profissão pois basta olhar a proporção de homens e mulheres nas salas de aula.

Mas essa invisibilidade feminina no Brasil foi abordada por respondentes ao comentar sobre a situação da profissão no Brasil:

Aparentemente parece uma profissão quase feminina, os cursos estão lotados de mulher – 80/90% dos alunos. Mas o mercado de trabalho ainda confia mais em homens. E não temos muitas mulheres que fizeram sucesso, nomes dos quais lembremos com facilidade.

Apesar de termos menos arquitetos que arquitetas, o mercado é deles. Sobretudo na obra ou com fornecedores.

Os que se destacam como profissionais de obras arquitetônicas são, infelizmente, homens em sua grande maioria.

Essa constatação é local, nacional e a nível internacional.

É notório que as mulheres historicamente vêm encontrando dificuldades para obter sucesso na *Arquitetura*.

Uma respondente indicou uma justificativa para explicar a invisibilidade das mulheres em premiações:

Não é muito comum mulheres optarem por construções de grandes edifícios, geralmente optam por projetos de interiores. Sendo assim sua figura é menos notável.

Essa é uma situação que também ocorre no exterior. Jeanne Gang, por exemplo, foi a primeira arquiteta a projetar um arranha-céu, mais de 100 anos depois que eles surgiram em Chicago (GOLDBERGER, 2010). Para *sanar este problema* e trazer mais visibilidade às mulheres, algumas arquitetas defendem que os concursos e premiações deveriam ser mais amplos, e não contemplar somente grandes projetos, como defende a arquiteta norte-americana Dolores Hayden (HAYDEN e WHRIGHT, 1976). Outra solução encontrada foi criar premiações para mulheres (ROSE, 2012).

Uma forma adotada por esta pesquisa para identificar modelos e a (in) e visibilidade de gênero foi através de perguntas que pediam aos respondentes para indicar pessoas de referência/influência na graduação (pergunta 9 – p. 9), colegas de destaque (p. 10), nomes de 3 profissionais (p. 24) e nomes de arquitetas (p. 69). O que se observou foi que houve uma predominância da figura masculina (Tabela 2). Com relação a colegas na graduação, as citações de arquitetas ficam em somente 40%, o que contrasta com o alto percentual de alunas, que em 2010 era de

73% na UFES. Esse percentual diminui ainda mais quando se pergunta por profissionais, o que parece corroborar fala da arquiteta Zaha Hadid: “durante sua carreira como professora, as mulheres eram sem sombra de dúvida suas melhores alunas, mas concluída a graduação, a maioria delas simplesmente ‘desviava’ da profissão” (ZAHA HADID apud BARATTO, 2013).

Tabela 2 – Número de citações de arquitetas x arquitetos de influência ou destaque

	Mulher		Homem	
Pessoas de influência durante graduação	30	49,18%	31	50,82%
Colegas de destaque na graduação	26	40%	39	60%
Profissionais de destaque	29	29,30%	70	70,70%

Fonte: autoras

Na pergunta 69, para nomear arquitetas de destaque, 31 respondentes nomearam 3 arquitetas, e em 14 destas respostas encontra-se o nome das arquitetas Lina bo Bardi e Zaha Hadid (sendo que em 9 delas ambas são citadas), o que evidencia a falta de diversidade entre modelos femininos de sucesso. Inclusive, 2 respondentes que indicaram somente um nome, citaram exatamente Lina bo Bardi e Zaha Hadid. Sete (7) respondentes nomearam somente 2 arquitetas, sendo que em todas as 7 uma destas duas arquitetas foi citada; em uma das respostas somente as duas foram citadas, acrescidas do comentário: “nem consigo citar uma terceira!” Somente 2 respondentes nomearam 4 arquitetas. Destaca-se que uma das respostas contém o nome de 4 arquitetas que atuam majoritariamente com *Arquitetura* de interiores; a outra resposta cita 2 arquitetas paulistas

(dentre elas Lina bo Bardi), uma arquiteta capixaba e uma professora da UFES.

b) **Ambiente com cultura machista**

Women in architecture may wish to be seen first and foremost as architects (not as women architects) but they cannot control the 'gendering gaze' of society (Burns apud STRATIGAKOS, 2012).

A cultura machista na profissão passa muitas vezes despercebida, por tratar-se de um reflexo de uma sociedade patriarcal¹¹. Entretanto, causam desconforto e se constituem exemplos do que o sociólogo Pierre Bourdieu chama de “violência simbólica”¹².

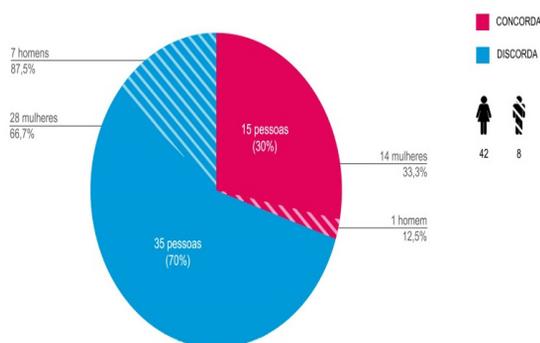
Reflexos dessa cultura machista podem ser observados na rotina diária de comentários, atitudes de respeito/desrespeito por parte de colegas, abuso verbal ou diminuição das qualificações. Várias iniciativas surgiram nos últimos tempos para divulgar comentários e iniciativas machistas como forma de denúncia e incentivo para que se busquem formas de minimizar esse problema. Um exemplo é o *The Everyday Sexism Project*, um site onde mulheres podem publicar as situações enfrentadas em sua rotina diária e assim contribuir para expor o problema. Outro exemplo é a intervenção feita por alunas da Faculdade de *Arquitetura* do Mackenzie,

11 Essa ordem patriarcal e seus efeitos na sociedade são abordados pelo sociólogo Pierre Bourdieu no livro “A dominação masculina” (2004).

12 “Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas” (BOURDIEU, 2004, p.12).

que espalharam cartazes com as frases machistas de professores ouvidas por alunas¹³ (O GLOBO, 2016). De maneira contraditória, quando perguntados sobre o assunto, somente 30% indicaram que ainda existe uma cultura machista em *Arquitetura* (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Existe uma cultura machista em Arquitetura



Fonte: autoras

As respondentes indicam que buscam se aprimorar e apresentar postura profissional e resultados de qualidade. Uma respondente inclusive indicou que na empresa onde trabalha o serviço das engenheiras é valorizado e elas são consideradas “mais caprichosas”, e assim gênero “ajuda”. Algumas chegam a dizer que em Vitória e no estado do ES a situação é diferente:

Não vejo uma cultura machista, pelo menos não em Vitória. As mulheres a meu ver são até mais bem-sucedidas que

¹³ Exemplo de algumas frases impressas nos cartazes: “Você cortou o cabelo? Seu namorado deixa?”; “Seu trabalho está ruim, você podia ao menos ter vindo com uma saia mais curta”.

os homens nesta área.

Acredito que no nosso estado a diferença está no caráter, no conhecimento e na postura da profissional.

Novamente aparecem comentários que utilizam o alto percentual de arquitetas (*mass fator*) como indicação de ausência de cultura machista:

Nos tempos de hoje não é assim! [...] na minha realidade acho que existem mais arquitetas, vide pela composição das turmas da faculdade.

Entretanto, a resposta à outra pergunta, inserida na última parte do questionário, parece trazer um retrato mais acurado da realidade da profissão. Quando apresentados à fala da arquiteta Zaha Hadid afirmando que *Arquitetura* é uma “indústria dura, dominada por homens” (Gráfico 5), o percentual se inverteu: 70% dos respondentes concordaram com a afirmação.

Gráfico 5 – Afirmação de Zaha Hadid sobre Arquitetura ser dominada por homens

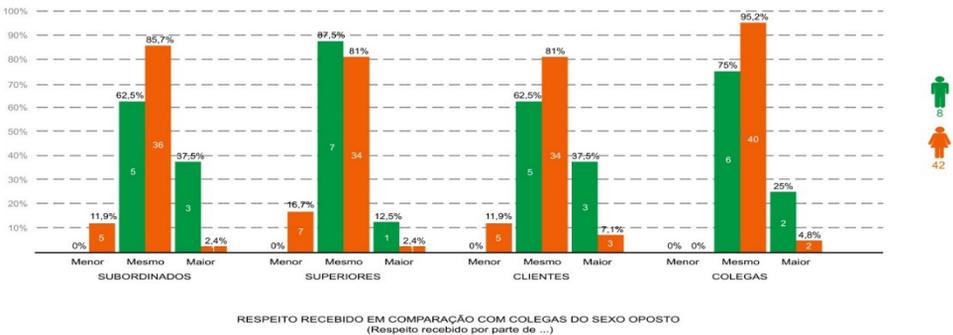


Fonte: autoras

A grande maioria acredita que, comparando com colegas do sexo oposto (p72), suas oportunidades são as mesmas: de ascensão/promoção (76%); participação em decisões de projeto (78%); participação em projetos de sua escolha (86%).

Com relação a respeito (Gráfico 6), mais de 80% das mulheres considera que tem o mesmo respeito que seus colegas do sexo oposto: por parte de subordinados (85%), superiores (81%), clientes (81%), estagiários e colegas (95%).

Gráfico 6 – Respeito recebido em comparação com colegas do sexo oposto, por parte de ...



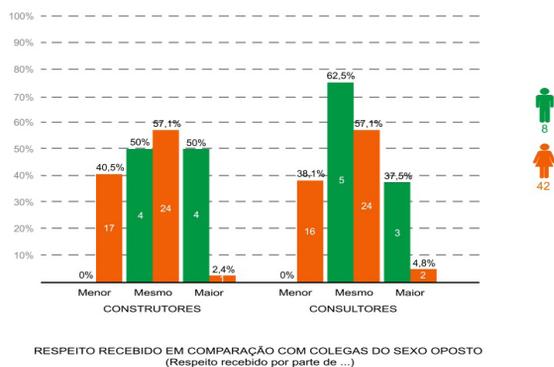
Fonte: autoras

As situações onde a diferença de gênero é percebida relacionam-se ao respeito por parte de construtores e consultores. Em torno de 40% das arquitetas consideram que possuem menos respeito por serem do gênero feminino, como pode-se observar também nas falas:

Essa indústria dominada por homens, tem relação com canteiro de obras, construção da edificação, essa parte realmente é dominada por homens.

Esse problema na relação com construtores também foi identificado por Anthony (2001, p. 175). Pode-se observar pela análise do Gráfico 7 que os respondentes que indicaram que o respeito é menor foram todas mulheres. Ainda assim, 57% das respondentes acredita que o respeito seria o mesmo dos colegas por parte de construtores e consultores.

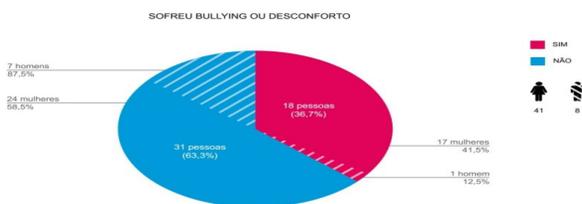
Gráfico 7 – Respeito recebido por construtores e consultores



Fonte: autoras

Quando perguntados sobre *bullying*, 18 respondentes (37%) indicaram que sofreram, sendo que 17 eram mulheres (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Sofreu bullying ou desconforto



Problemas no ambiente da obra foi o ponto mais comum mencionado. A situação de rebaixar, ser condescendente por gênero e abuso verbal foram citados:

...gritava apenas comigo, com meu colega homem não.

...quando chegava na obra era caracterizada como a 'decoradora'.

c) Estereótipos de gênero

Estereótipos de gênero, ou “*habitus* de gênero”¹⁴ são concepções sobre o que constitui o feminino ou masculino. Eles podem assumir diferentes formas: desde considerar que fazem parte das características femininas o cuidado com aparência, o uso de certos tipos de roupa e, no caso da *Arquitetura*, a maior competência da mulher para projetos residenciais e de interiores. Essa visão é encontrada mesmo entre os arquitetos, como

¹⁴ O conceito de “*habitus* de gênero”, baseado no Conceito bourdieuano do *habitus*, foi desenvolvido por McNay (2004) e utilizado em estudos feministas para explicar a construção das preferências de gênero.

indica pesquisa norte-americana:

As a case in point, a 1989 poll of architects conducted by Progressive Architecture magazine found that almost 40 per cent of female and 40 per cent of male architects believed that there was a difference between architectural design done by women and men. They believed that women are better at design related to “caring” housing” (GROAT; AHRENTZEN, 1997, p. 18).

A “preferência” por projetos de menor porte e de se preocupar e conhecer a funcionalidade de edifícios presentes em sua rotina diária já foi defendida como uma característica feminina positiva inclusive pelas teóricas feministas (período do feminismo cultural). Essa naturalização do estereótipo de gênero é exemplificada nas falas de algumas respondentes:

Pensamento prático das funções do dia a dia de uma casa e empresa; Coisa que mulher tira de letra!

A decoração é mais associada ao universo feminino que ao masculino pela sociedade[...]porém como são as mulheres que geralmente decidem sobre a decoração de suas casas, acredito que se faça alguma associação.

Acho que mulheres tem uma tendência maior a gostar de interiores e paisagismo e homens sentem mais afinidade por obras e grandes construções.

Nas falas dos respondentes observa-se tanto uma *valorização das qualidades femininas* (período de valorização da identidade feminina) quanto alguns indícios da consciência da *construção dos papéis de gênero*. Enquanto uma respondente fala de “diferenças naturais entre gêneros”,

(“As diferenças naturais entre os gêneros é que levam as mulheres a trabalhar com design de interiores”), outra respondente questiona esse estereótipo: “Já ouvi muitas vezes que mulher entende melhor de como projetar uma casa (não sei se é preconceito ou elogio).”

Essa última fala indica exatamente o problema que advém da aceitação dos estereótipos de gênero: enquanto preconceitos eles não são necessariamente positivos. Estereótipos de gênero podem tornar-se preconceitos para quem não se “encaixa” ou se vê forçado pela sociedade a agir de determinada maneira ou atuar em áreas específicas, além de poder trazer conotações negativas e depreciativas.

Essa naturalização do “gosto feminino”/*habitus* de gênero e “pressão da sociedade”/violência simbólica é encontrada na fala de uma respondente:

Das minhas amigas de turma, poucas foram trabalhar em construtoras e a maioria foi abrir escritório de decoração **por livre e espontânea vontade**. Porque aqui o mercado também direciona elas para isso...(negrito nosso).

Algumas estão conscientes da cobrança da sociedade por papéis:

Em situações em que coloquei a carreira à frente, por julgar necessário, senti-me interpretada como egoísta, desnaturada, pouco feminina. Tenho consciência de que esse comportamento é socialmente aceitável se vier de um homem – aquele que deve ser o provedor.

Entendo que meu relacionamento conjugal impactou minha carreira, pois limitou minha disponibilidade para assumir compromissos profissionais.

A vestimenta é um bom exemplo dessa naturalização do *habitus* de gênero e da dominação masculina:

Já ouvi comentários absurdos de chefes (sexo masculino) sobre roupas e sapatos que uma mulher deve usar para trabalhar (saia...salto alto...acessórios dourados...). Só faltava dizer que a mulher precisa se vestir de forma adequada ao *estereótipo* feminino (grifo nosso).

Devido aos efeitos negativos/restritivos embutidos na “valorização das qualidades femininas”, a partir dos anos 90 a perspectiva da “construção do gênero” (feminismo contextual) passou a informar os estudos de *Arquitetura* visando desconstruir os estereótipos de gênero. Como explica Bourdieu,

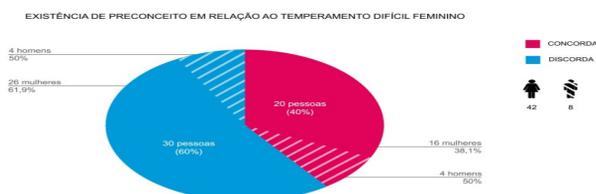
Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos... (BOURDIEU, 2014, p.56).

Uma única respondente parece estar consciente desses processos: ela questiona a naturalização das diferenças de gênero/estereótipos (“formação é a mesma”), identifica claramente a tendência das próprias mulheres em se autodepreciar e mostra como se dá a construção do gênero “desde a infância”:

Nossa formação é a mesma dos homens. Falta a nós mulheres um pouco mais de autoconfiança profissional. Coisa que é ensinada aos homens desde a infância (griffo nosso).

Um exemplo de conotações negativas e depreciativas relacionadas ao gênero feminino é o de “temperamento difícil”. Confrontados com uma fala da arquiteta Zaha Hadid, que indica que ela é considerada difícil por ser pessoa de opinião, 20 respondentes (40%) concordaram, indicando haver esse preconceito com relação às mulheres (Gráfico 9). Cabe destacar que destes 20, 4 são homens, o que mostra o reconhecimento desse preconceito pelos “dominadores”.

Gráfico 9 – Temperamento Difícil (Zaha Hadid)



Fonte: autoras

Os comentários exemplificam as situações vivenciadas pelas mulheres:

Mulher com opinião ou tá de tpm ou é chata, mal-amada, segundo o senso comum...

Eu me sinto dessa maneira, tão discriminada por ser mulher. [...] uma mulher de opinião é, via de regra, tachada de difícil e outros adjetivos que já vi por aí (às vezes ditos por outras mulheres até), tais como ‘mal amada’, ‘machona’ etc.

Como sempre mostro minha opinião, levo fama de estressada.

Até para expor opiniões somos consideradas históricas ou encenqueiras.

5 Considerações Finais

A discriminação/sexismo mostrou-se presente no dia-a-dia das arquitetas no Espírito Santo, mesmo sendo um estado com um dos mais altos percentuais de arquitetas atuantes (72%). De maneira geral, a profissão de *Arquitetura* é vista como boa para as mulheres (90%) e 72% escolheriam *Arquitetura* novamente. A profissão de *Arquitetura* é vista como possuindo diversos aspectos positivos, como criatividade e interdisciplinaridade, e por contribuir para o desenvolvimento pessoal: “Minha profissão me melhorou como pessoa”.

Invisibilidade também ocorre em maior percentagem no Brasil, se considerarmos o maior percentual de mulheres no Brasil. Com relação à Cultura machista, canteiro de obras ainda é o local mais problemático, com casos de abuso verbal e rebaixamento das qualidades profissionais. Com relação a estereótipos, destacou-se nos comentários a escolha da área de atuação influenciada por gênero, sendo as mulheres mais propensas a atuarem em áreas relacionadas a interiores. Pressão e vigilância relacionada à vestimenta e “fama de temperamento difícil” são descritas como formas de discriminação que impactam na qualidade de vida.

Com índices de discriminação próximos dos americanos e considerando que o percentual de arquitetas é quase cinco vezes maior que nos USA, pode-se identificar que o *mass factor*/percentual alto de mulheres não parece ter impactado em similar proporção a discriminação. Fala de profissional resume bem a situação da mulher arquiteta bem sucedida,

consciente dos desafios que enfrentamos:

...tenho plena consciência de que precisei de muito mais esforço e sacrifício do que se fosse homem, a começar pela divisão do trabalho/família. Eu sei que teria mais tempo, tranquilidade, menos incumbências e menos pessoas dependendo de mim[...] Apesar de todas as dificuldades que enfrentamos, acho que estamos mostrando que é possível, que respeito é bom e exigimos.

Referências

- AHRENTZEN, S. e ANTHONY, Kathryn. Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-), Vol. 47, No. 1 (Sep., 1993), p. 11-29, 1993.
- AHRENTZEN, S. The F-word in architecture: feminist analysis in/of/ for architecture. In: DUTTON, T.; MANN, L. (eds). *Reconstructing her practice: critical discourses and social practices*. London: University of Minnesota Press, 1996, p.71-118.
- ANTHONY, K. *Designing for Diversity: Gender, Race and Ethnicity in the Architectural Profession*. Champaign, IL: University of Illinois Press, 2001.
- BARATTO, Romullo . A petição de Scott Brown e o papel das mulheres na *Arquitetura* 13 Maio 2013. *ArchDaily*. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/113326>. 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014 [1998].
- BONELLI, Maria da Glória. Estudos sobre profissões no Brasil. IN: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), vol. 2 – *Sociologia*, 1999, pp. 287-330.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *An Invitation to a Reflexive Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de prestígio. 1999. In: GT TRABALHO E SOCIEDADE, ANPOCS, 1999. Caxambu, MG. 1999.
- BRUSCHINI, C. *Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995* (Textos FCC, n.1 7). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- BURNS, Karen. *Women in architecture*. Disponível em: < <http://www.archiparlour.org/women-and-architecture/>>. 2012.
- CASER, K. Mulheres e *Arquitetura Paisagística*: Uma perspectiva feminista e suas contribuições para o ensino de história do paisagismo. In: 12º ENEPEA. Vitória, 26 a 30 de agosto de 2014. *Anais...* 2014.
- CAU - Conselho de *Arquitetura e Urbanismo*. *Censo dos Arquitetos e Urbanistas - Dados Gerais 2012*. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/censo/resource/site/pdf/nacional/Censo-CAU-Brasil.pdf>. 2013.
- _____. *Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil - 2018*. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Anu%C3%A1rio-2017-web-baixa.pdf>.
- CAVEN, Val. Constructing a career: women architects at work. *Career Development International*, Vol. 9 No. 5, pag. 518-531, 2004.
- DE GRAFT-JOHNSON, Ann; MANLEY, Sandra; GREED, Clara. Diversity or the lack of it in the architectural profession. *Construction Management and Economics*, v. 23, n. 10, p. 1035-1043, 2005.
- DOVEY, K. The Silent Complicity of Architecture. In: HILLIER; ROOSKBY (eds). *Habitus: a Sense of Place*. Burlington, USA: Ashgate, 2002, p. 267-280.
- DURAND, José Carlos. *Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, Arquitetura e classe dirigente no Brasil 1855/1985*. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1989].
- FOWLER, Bridget e WILSON, Fiona. Women Architects and Their Discontents. *Sociology*, Volume 38(1), p. 101-119, 2004.
- GREENWOOD, S. Architecture + motherhood. *Parlour: women, equity,*

architecture. Disponível em: <http://www.archiparlour.org/architecture-motherhood/>. Acesso: 10/11/2012.

- GOLDBERGER, Paul. Wave Effect- Jeanne Gang and architecture's anti-divas. *New Yorker*, 01/02/2010. 2010. Disponível em: http://www.newyorker.com/arts/critics/skyline/2010/02/01/100201cr-sk_skyline_goldberger.
- GROAT, L. e AHRENTZEN, S. Voices for Change in Architectural Education: Seven Facets of Transformation from the Perspectives of Faculty Women. *Journal of Architectural Education*, Vol. 50, No. 4 (May, 1997), pp. 271-285, 1997.
- HADID, Zaha. *Architects Talk- Zaha Hadid talks about making a reputation*. Disponível em: <http://www.architects-talk.com/2011/05/zaha-hadid-talks-about-making.html>. 2011.
- HAYDEN, Dolores e WRIGHT, Gwendolyn. Architecture and Urban Planning. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 1(4):923-33. 1976.
- HEYNEN, H. Genius, gender and architecture. *Architectural Theory Review*, v. 17, p. 331-345, 08 Feb. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13264826.2012.727443>>.
- HUGHES, Francesca (ed.). *The Architect: Reconstructing Her Practice*. Cambridge (Mass.): MIT Press. 1996.
- KOMARA, Ann. The Glass Wall: Gendering the American Society of Landscape Architects. *Studies in the Decorative Arts*, New York, v. 8, n.1, p. 22-30, 2000.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX* (1. ed.). São Paulo: Altamira Editorial, 2014.
- _____. *Revendo a história da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo – USP. 2004.
- MCLEOD, Mary. Other spaces and “Others”. In: AGREST (ed) al *The sex of architecture*. New York: Harry Abrams, 1996, p.15-28.
- MATTHEWSON, Gill. Nothing Else Will Do: The Call for Gender Equality in Architecture in Britain. *Architectural Theory Review*,

17:2-3, 245-259, 2012.

MCNAY, Lois. Gender, *Habitus* and the Filed. Theory, Culture and Society, vol. 16, n. 1, p. 95-117, 1999.

O GLOBO. Alunas ‘decoram’ faculdade com frases machistas de professores. 29 abril 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/alunas-decoram-faculdade-com-frases-machistas-de-professores-1-19195015>.

PERIM, Carol. Maria do Carmo Schwab: primeira arquiteta e urbanista do ES. Disponível em: <http://www.caubr.gov.br/?p=39976>. Acesso: abril 2015.

RODRIGUES, L. Exercício profissional - Mulheres na *Arquitetura*: quais seus desafios. *Revista AU- Arquitetura e Urbanismo*, ano 27, n. 221, agosto 2012, p. 86-87.

ROSE, S. 2012. Constructive criticism: the week in architecture. *The Guardian*. Disponível em: http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2012/mar/30/constructive-criticism-women-in-architecture?CMP=twt_gu.

RUBINO, Silvana. Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi. *Cadernos Pagu* (34), janeiro-junho, p. 331-362, 2010.

SANG, Katherine J. C.; DAINTY, A. R.; ISON, S. G. Gender: a risk factor for occupational stress in the architectural profession? *Construction Management and Economics*, volume 25, Issue 12, p. 1305-1317, 2007.

SCOTT-BROWN, Denise. Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture. In: BERKELEY (ed.) e MCQUAID (assoc. ed.) *Architecture: A Place for Women*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1989, p. 237-246.

STRATIGAKOS, D. Why Architects Need Feminism. *Places*, 2012. Disponível em: places.designobserver.com/feature/why-architects-need-feminism/35448/.

_____. Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia. *Places*, 2013. Disponível em: <http://placesjournal.org/article/unforgetting-women-architects-from-the-pritzker-to>

-wikipedia/.

- STREATFIELD, D. Gender and History of Landscape Architecture. In: MOZINGO e JEWELL (Eds). *Women in Landscape Architecture: Essays on History and Practice*. North Carolina: McFarland, 2012, p. 5-31.
- TANKARD, Judith B. Defining Their Turf: Pioneer Women Landscape. *Studies in the Decorative Arts*, Vol. 8, No. 1 (fall-winter 2000-2001), pp. 31-53. 2001.
- THORPE, Vanessa. Zaha Hadid: Britain must do more to help encourage its women architects. *The Guardian*, 17/02/2013. Disponível em: <http://www.theguardian.com/artanddesign/2013/feb/17/architecture-misogyny-zaha-hadid>.
- WACQUANT, L. Toward a Social Praxeology: The Structure and Logic of Bourdieu's Sociology in BOURDIEU e WACQUANT, *An Invitation to a Reflexive Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, p. 1-59.
- WARD, Anthony. The suppression of the social in design. In: DUTTON, T.; MANN, L. (eds) *Reconstructing her practice: critical discourses and social practices*. London: University of Minnesota Press, 1996, p. 27-70.
- WEISMAN, Leslie K. Re-designing architectural education: new models for a new century. In: Rothschild (ed) *Design and Feminism: re-visioning spaces, places and everyday things*. Londres: Rutgers University Press, 1999, p. 159-174.
- WILLIS, Julie. Invisible contributions: The Problem of History and Women Architects. *Architectural Theory Review*, 3:2, 57-68, 1998.